

## **A ética em tempos de fragmentação**

Por **J. B. LIBANIO**

Com olhar profundo, metafísico, diria o filósofo, ontem se via tudo na perspectiva da unidade, da beleza, da verdade e do bem. A frase clássica soava: todo ser é uno, verdadeiro, bom e belo. E ser significava qualquer realidade que participasse minimamente da existência. Em termos simples, tudo o que existe goza, no profundo de seu ser, da unidade, da verdade, da bondade e da beleza.

Excelente caminho para a ética. Com esses quatro faróis, ela apontava o itinerário para o ser humano que realizava, em grau maior e em nível de consciência, as qualidades transcendentais de todo ser.

A modernidade e, mais acintosamente, a pós-modernidade acentuam a fragmentação. E nisso afundam a ética em terrível crise. A unidade se quebra. O ser humano vê-se dilacerado por dentro.

Dizem-lhe que atuam nele um id e um superego que lhe escapam da consciência reflexiva. Ele chega a duvidar se realmente tomou determinada decisão e dela se faz responsável.

Até onde agiu no espaço da ética? E comportamentistas extremados julgam-no reflexo de condicionamentos externos.

Biocientistas de última geração vão mais longe. Reduzem as ações humanas a procedimentos orgânicos. Lá se foi a unidade do ser humano.

A beleza se dissocia do bem e da verdade. Vale por ela mesma. Cria o próprio código, independente de referência ao bem e à verdade. Concursos de beleza, a indústria cinematográfica hollywoodiana, a moda e propaganda tecem os parâmetros da beleza e elegância de corpos masculinos e femininos.

Em função deles, jovens chegam à morte por anorexia. A estética substitui o bem e a verdade. Cria-se uma ética que já não responde aos ditames fundamentais de valores absolutos. Portanto, não merece o nome de ética. Rompeu-se o elo que ligava beleza e bem e verdade, base primeira da ética.

O bem e a verdade também se estranham. A verdade científica se impõe e não se pergunta se ela serve ou não ao bem da humanidade. Arriscam-se efeitos nefastos para os humanos em nome da verdade de um experimento científico.

Filósofos e pensadores lançam no mercado das ideias produtos, por eles julgados verdades, que sufocam sementes de bondade, de pureza, de religião. Circula literatura culta ou vulgarizada que implode edifícios construídos ao longo de séculos, estilizando assim valores de bem.

O bem também choca-se com a verdade? Sim. Agitam-se bandeiras, em nome do bem de indivíduos, grupo ou nação, ao arripio de toda verdade. Não suportam o confronto com a realidade que desmascara o programa proposto.

A essa fragmentação, que rompe os vínculos fundamentais, ontológicos, da unidade, do bem, da verdade e da beleza, a ética responde com a proposta primigênia da harmonia entre eles. Só há ética onde se compõem essas quatro realidades.